

MAIS

ALTO



*Diageo 1917*

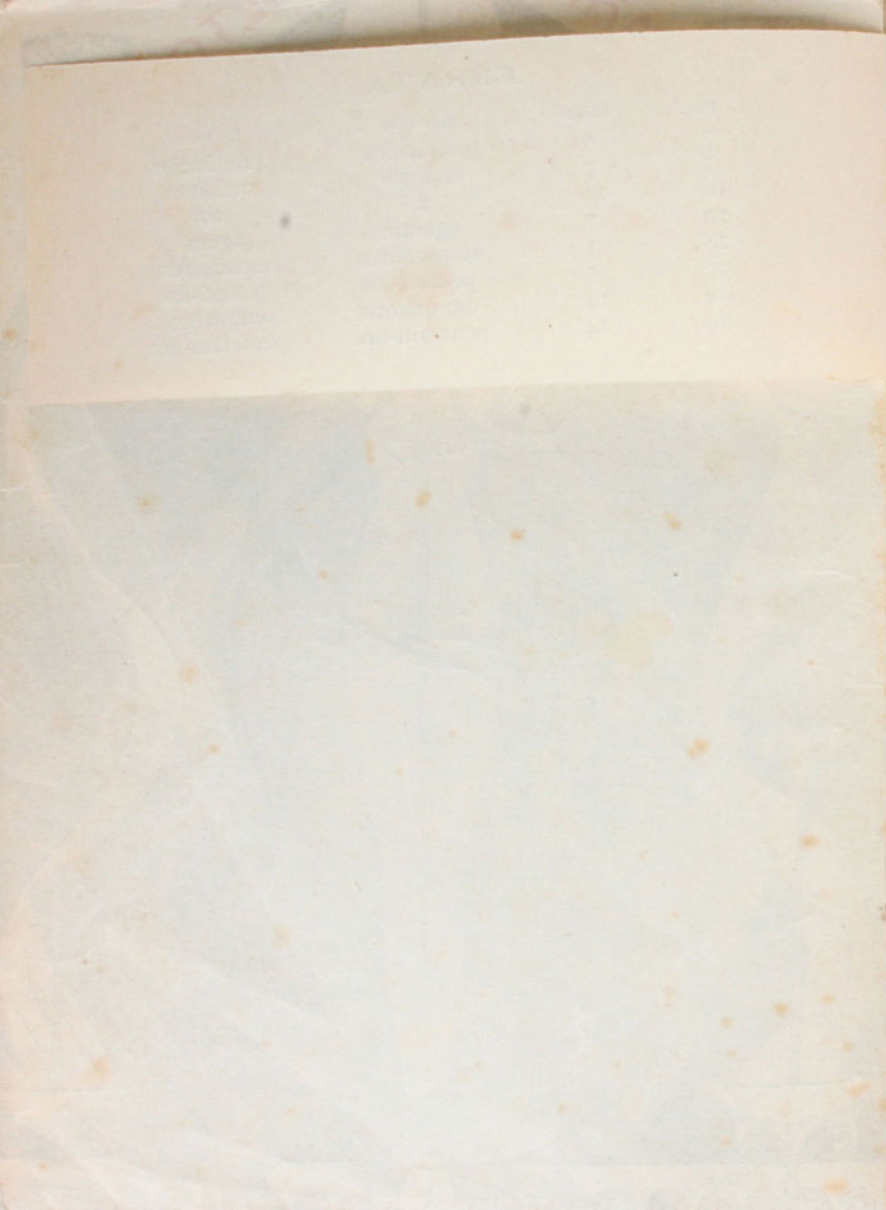


## ERRATA

Pag.	linha	onde se lê:	leia-se:
7	3	pronúncios	prenúncios
7	7	ondeam	ondeiam
12	11	a	as
20	7	agoram	agora
28	3	resposteiros	reposteiros
55	5	pentéia-los	pentéa-los
69	14	em quanto	enquanto
89	14	penteam-nos	pentéiam-nos

Pedro de Sousa

MAIS ALTO



No Senhores Pessoa.

No grande Poeta, e ao  
bom amigo, com meus abra-  
ços de admiração, etc.

Pedro de Meneses

MAIS ALTO

DO MESMO AUTOR:

RIMAS DA NOITE E DA TRISTEZA — 1913.

DISTANCIA — 1914.

ELOGIO DA PAISAGEM — 1915.

AS TREZE BALADAS DAS MÃOS FRIAS — 1916.

MAIS ALTO — 1917.

A SAIR:

ANFORA, sonetos.

NOSSA SENHORA DA ALMA.

MAIS  
ALTO

POEMAS

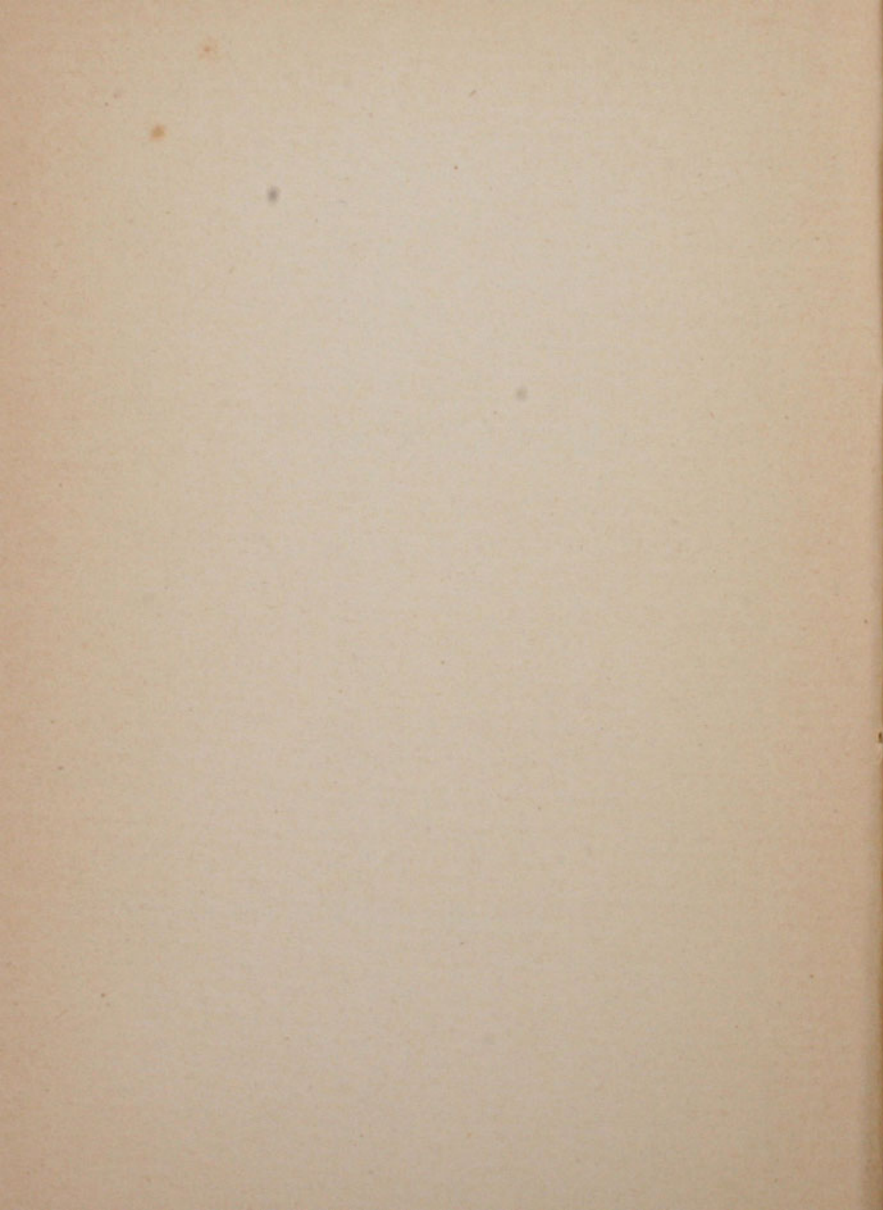
PEDRO  
DE  
MENEZES





ALCÁ CER-KIBIR

AO AFONSO RODRIGUES-PEREIRA



I

EL-REI

Pela sombra das salas, ao Sol-posto  
Sinto que passa alguêm junto ao luar,  
Alguêm onde há pronúncios de desgosto,  
El-rei: — ogiva entre o Mistério e o Mar.

No ruído dos passos se adivinha  
Um retinir de alfanges. E setins  
Ondeam cortinando varandins  
Dum palácio que à noite se avizinha.

El-rei passou agora para a Tôrre.  
De lá vê-se a Saudade e o Sol que morre  
Na praia dum país todo de véus.

El-rei agora é alma doutro rei,  
A mais alta das lanças que sonhei. . .  
El-rei é luto e a sua Ausência é Deus!

## II

### NO PALÁCIO DO REI MOIRO

Dormiam os pavões nos arvoredos.  
A princesa aflagava-lhes as côres.  
Seus longos dedos eram domadores  
E as côres prendiam-se-lhe nos dedos.

As mãos poisadas, um veludo apenas.  
Se os pavões acordavam nos afagos  
Julgavam ao sentir os dedos magos  
Que era o luar passando-lhes nas penas.

Ela depois passava na alameda  
E o seu andar esquecia-se na seda  
Da túnica, mistério rendilhado . . .

Entrava no palácio. As mãos cativas.  
E espreitava ao Sol-morto das ogivas  
Pois das ogivas via-se o Passado.

### III

## A PRINCESA FALANDO ÀS BAILADEIRAS

Ó minhas bailadeiras de segredos  
Vinde sonhar as minhas mãos inquietas,  
As minhas mãos que são as pandeiretas  
Com as fitas pendidas, os meus dedos.

Ó minhas bailadeiras, que fazeis?  
Onde bailais que nem sequer vos vejo?  
Onde vai o meu Pai e aqueles reis  
Bordados em veludo e num cortejo?

Porque leva o meu Pai o elmo e a lança?  
Porque adormece a Tarde no meu peito  
E se torna da côr da minha trança?

Porque batem à porta desta sala  
Mãos invisíveis de dolente geito  
De Alguém a quem não posso ouvir a fala?

#### IV

### AS BILADEIRAS FALAM À PRINCESA

Nossos bailados tornam-se pulseiras,  
Pulseiras de setim nos vossos braços...  
Nossos corpos, tapetes nos terraços,  
Baloçam-se no cimo das palmeiras.

Pomos a pandeireta nos joelhos,  
Depois no chão. Dançamos ao redor.  
Nas curvas que traçamos, um pastor  
Perde os rebanhos, nossos gestos velhos.

Se com os pés descalços lhe tocamos,  
A pandeireta torna-se num lago  
E os nossos pés em cisnes que afagamos.

Se acaso lhe tocamos com as mãos,  
Torna-se em Lua como em sonho vago  
E os nossos dedos moram gestos vãos.

V

O DIA DE ALCÁCER

Um dia, em Deus, contaram-me a batalha.  
Pendões, guitarras, troféus...  
As areias erguidas pelo vento.  
Adagas de marfim, cotas de malha...  
E num momento  
Com os meus olhos Deus viu a batalha  
E eu por instantes esqueci-me em Deus!

Dentre os pendões, el-rei era o mais alto.  
Vi-o. Lá vai. Ainda vejo o escudo...  
Vi-o correr e comandar o assalto.  
Lanças perdidas.  
Alalís... alalís... Mãos de veludo,  
Gotas de sangue no luar caídas,  
Fumo de lantejoila...  
Águia cega voando. Águia real...  
Cada gota de sangue, uma papoila  
Nascendo em Portugal!

E el-rei lembra-me um lírio sacudido  
Numa tarde de vento.  
O Sol, caindo, o longe apenas doira.  
E el-rei agora é o luar, perdido,  
Eco falando em claustros dum convento,  
O coração duma princesa moira . . .

No luar escreveram a paisagem.  
El-rei agora não o vejo, apenas  
Pressinto ter falado nele outrora.  
Da minha Antiguidade eu sou um pagem  
E a minhas mãos cansadas e morenas  
Falam da sombra. O sonho se demora.

O campo lembra-me um jardim imenso,  
Jardim onde nasceram rosas de aço.  
E ao pôr do Sol sou o Passado, penso,  
E no meu ter vivido ainda passo.

A Lua, lembra um reluzir de alfange.  
Palmeiras, sons de adufe, ecos caídos,  
Guitarras que a Saudade ainda tange  
E onde os dedos da Ausência andam perdidos.



O Sol, no longe, antes da morte, eu sei,  
Olhou ainda a vêr se via el-rei  
Na campina que assim ia deixá-la.

Mesquitas onde Deus mistério espalha,  
Tardes de Alcácer, creio que a batalha  
Apenas existiu no meu contá-la!

## VI

### AS ÁRABES QUE BUSCAM O REI MORTO

Que tardes quietas e belas!  
Onde estará o rei-Alma  
Que vinha nas caravelas?

Não o conseguimos vêr.  
Em nossos olhos se acalma  
O mistério de o perder.

Bailemos sombra ao luar.  
Talvez que em nossos bailados  
O possamos encontrar.

Há tanto tempo o buscamos,  
Que nossos braços cansados  
Sôbre o não vê-lo os deixamos.

Estará morto? Estará vivo?  
Que saudade o levaria  
A nossos gestos, cativo?

Seria uma nau apenas?  
Talvez que uma melodia  
Das nossas bocas morenas!

Lá está. Bem vemos. Ao luar...  
Afinal são nossos dedos  
Na ânsia de procurar.

Vamos por êste caminho.  
Levemos nossos segredos  
Na voz do nosso carinho.

Ei-lo. É aquele? É? Ninguém...  
As mãos da Lua na areia  
A procurarem também.

E a sombra dos nossos braços  
Diante de nós serpenteia  
A acompanhar nossos passos.

A cada lança que achamos  
Nas nossas mãos tão esguias,  
P'lo infante preguntamos...

E sob o luar exangue,  
As lanças quedas e frias  
Respondem gotas de sangue.

Senhor Rei que nos deixaste,  
Que à sombra da Noite nua  
Alma pediste e sonhaste,

Allah escutou-te e deu-ta,  
— Cisne vestido de lua  
Numa lagôa de Ceuta!

## VII

### A SAUDADE

A Saudade, luar do coração,  
Tarde na Alma, Outono dos sentidos,  
Palavra que se torna em oração  
Quando humedece lábios doloridos.

A missa em que ajoelho e vou rezar  
E me pergunto, porque me não sei.  
Gesto de minhas mãos, cruz no luar,  
Apenas tu me falas dêsse rei!

Conta-lo ao Sol-pôr com a voz do povo.  
Volta em manhã de névoa, é sempre novo.  
A lembrança de vê-lo ao Sonho levo-a.

Meu Deus, meu Deus, quando regressarei?  
Meu coração talvez que seja o rei  
E a minha Alma essa manhã de névoa!

## VIII

### A CANÇÃO DAS GUITARRAS

O rei tornou-se um quadrante,  
Deus, o sol — luz de vitral.  
Saudade, a sombra distante  
Projectada em Portugal.

Promete o Tempo esperar.  
E nesse quadrante, às vezes,  
Os olhos dos portugueses,  
Buscam as Horas do Mar!

Onde irão as mãos antigas  
Que em gestos breves e frios,  
Com nossas cordas, os fios,  
Bordaram tantas cantigas?

Onde os gestos? Onde os dedos?  
Onde as bocas que cantaram?  
Inda as canções que entoaram  
Se prendem nos arvoredos...

Agora não há quem cante!  
A voz da Lua, o luar,  
P'ra que o Mêdo não se espante  
Também não sabe cantar.

Do Silêncio os dedos belos  
Nas nossas cordas, julgando  
Que são os nossos cabelos  
Assim os andam penteando.

Sonho, já não nos recordas!  
Fomos fontes de segredos.  
A nossa Água, era os dedos  
Escorrendo pelas cordas.

Portugal, lindo barquinho  
Que Jesus, quando criança,  
Pôz a vogar de mansinho...  
Sangue de Deus numa lança...

Foi guitarra o teu Passado  
Onde o Mistério tangeu  
Numa canção que perdeu,  
O corpo do Desejado.

El-rei perdeu-nos. Deixá-lo...  
Nossas bocas o chamaram  
E ágoram nos transformaram...  
Alhambras de Recordá-lo!



## IX

### O ELOGIO DAS LANÇAS

Alarido. Canção. Galopar de corceis. . .  
As lanças mais além perturbam arvoredos,  
Reluzem ao luar. . . As lanças lembram dedos  
Erguidos para o Céu a procurar anéis. . .

Ao pé de cada lança há sempre um Cristo e a Cruz.  
Vôo de águias. Sonhar. Perfis de fiandeiras  
Que apontam o Poente e curvam-se palmeiras. . .  
Rocas prendendo o Dia e desfiando a luz.

Gritam alto no olhar. Inclinam-se na treva,  
São cintos de Ansiedade as mãos de quem as leva.  
E longe tornam-se Alma e perto tornam-se Ânsia.

Sobem por elas mãos. Em sombra se conformam.  
Os gritos mais ao largo em ecos se transformam :  
— Ecos, múmias da Voz no túmulo da Distância!

## X

### A LEMBRANÇA DO REI

Há piscinas bordando salões velhos  
Onde alvas aias vão molhar os dedos  
E os deixam esquecidos...  
São migalhas de pão os frios dedos  
Pois na piscina estão peixes vermelhos,  
Gotas de sangue dos heróis vencidos.

Sentem-se passos, poucos...  
Lírios tombando na lagôa, loucos...  
E adivinham-se ao longe, nos castelos,  
No meditar das salas,  
Princesas cujos gestos lembram falas  
E acalentam a Noite nos cabelos.

Uma desce depois a escadaria  
E pela noite fria,  
Vem junto aos lagos afagar os cisnes,

E prende nas roseiras  
Os longos dedos, do luar seteiras,  
E vem dar de comer rosas aos cisnes.

A lembrança do Rei feita princesa.  
Luz de Mistério no Passado acesa...

## XI

### A ARMADURA ABANDONADA

No meu peito outro peito teve abrigo  
E outros braços guardei dentro em meus braços,  
Outros passos guiaram os meus passos,  
Conheci noutros dedos o perigo.

Adagas no meu elmo se partiram,  
Lentas brilhando numa raiva louca.  
Outras bocas cantigas repetiram,  
Cantigas que cantei com outra boca.

Senti no peito que abriguei no meu  
A ânsia de ser longe e ergui ao céu  
Com outros braços os meus braços frios...

E agora com as mãos do meu lembrar-me  
Traço gestos nos quais vou encontrar-me:  
Gestos-arcadas calculando rios...

## XII

### RUÍDO DE PANDEIRETAS

Inda no longe se ouviam  
Rítmicas, breves, inquietas,  
Asas que o Mêdo prendiam,  
Laços que os dedos seguiam,  
Pandeiretas, pandeiretas...

E no luar desfiavam  
Como leves fiandeiras,  
Curvas, fios que bordavam  
Nas sombras em que dançavam,  
Bailadeiras, bailadeiras...

E lentas, as pandeiretas  
Esquecendo roxos tons  
Recordam mãos irrequietas,  
São açafates de sons,  
Luas-Alma desinquietas...

E os dedos das bailadeiras  
Que pandeiretas tocaram  
Lembram cimos de palmeiras  
Que a branca Lua alcançaram  
E a afagam leves, ligeiras...

Pandeiretas sacudidas,  
Fitas de côres caídas...  
Lembram rumorosas portas  
Onde as mãos, almas perdidas,  
Vão bater às horas mortas.

E no dorso das areias  
Bailam beijos, bailam rezas  
As bailadeiras sereias...  
Suas mãos são fortalezas  
E os longos dedos, ameias...

E as pandeiretas cansadas  
Vão desenhar-se nos frisos  
Das mesquitas afastadas...  
Lembram rainhas pintadas  
Cujos sentidos são guisos...

E no luar adormecem  
Perdidas, frias e quietas,  
Sombras que no longe esquecem,  
Que mãos brancas endoidecem,  
Pandeiretas, pandeiretas...

### XIII

#### O SILÊNCIO DAS MESQUITAS

A Ausência do Rei é Tarde nas mesquitas.  
Pelas harpas, a mêdo, as mãos em véus ligeiros,  
São aias a fugir p'ra lá dos resposteiros,  
E, no claustro dormindo, a Voz das favoritas. . .

E nas harpas, Saudade. Os sons tornam-se aromas.  
A ideia de Deus, um parque de palmeiras  
Onde à noite Maomet é côr sôbre as roseiras  
E as sombras do luar, rituais doutros Maomas.

P'ra cá dos templos, Côr; p'ra lá, Antiguidade,  
E o Mistério a rezar vitrais de divindade  
Na ideia de viver. Outras paisagens lautas. . .

Entre os templos e Deus, as bocas dos profetas. . .  
E no passado desce o som das pandeiretas  
Frias, quedas, morrendo entre pendões e flautas. . .



## XIV

### O MAR INTERROGA AS NAUS

O mar:

Donde vindes, ó naus, ó minhas brancas mãos?  
Onde ficou el-rei que era um afago nosso,  
Que prendia o Sonhar nos seus dedos cristãos  
E levava a Saudade em volta do pescoço?

As naus:

Entre o céu e a Distância e bem longe do mar,  
El-rei ficou sózinho, em castelos de opalas,  
Em poentes-marfim, em jardins de luar  
Onde infantas em Deus lhe vão deixar as falas.

O mar:

A que portos, ó naus, vos ides acolher?  
Porque trazeis sem luto ainda as vossas velas?  
Ao povo donde sois o que haveis de dizer?

As naus:

Que havemos de dizer? Que a Alma Iha levamos  
E que o Corpo do Rei, subitamente, ao vê-las,  
Se tornou em luar nas praias que alcançamos.

XV

MANHÃ DE NÉVOA

Amanheço de mim na Antiguidade  
E os meus olhos tornados nevoeiro  
Enviavam de mêdo e de Saudade.

Porque estará a princesa  
De noite e dia bordar  
Pálidos de antiga tristesa,  
Véus franjados de riqueza,  
Cestinhos para o luar? . . .

Quem será o cavaleiro  
Que vai na estrada a passar?

No parque acorda a sombra dos repuxos,  
Rendas que vão servir de reposteiro  
Á luz inquieta de sorrisos bruxos.

Repuxos são rocas de água  
Que a princesa anda a sonhar,  
Prende neles fios de água,  
Gestos doentes de mágoa  
Que anda na sombra a fiar . . .

Quem é aquele cavaleiro  
Com a sombra a conversar ?

E nas lagôas esqueceu os dedos  
A última canção das lentas flautas  
Dos pastores que guardam meus segredos.

Predeu os dedos nas flores  
A princezinha a pensar,  
Poz-se a escutar os pastores  
Que canções de incertas côres  
Andam na tarde a cantar . . .

Quem é aquele cavaleiro  
Num corcel côr do luar ?

Só vejo as lanças. Outras naus partindo.  
E inda se ouve na praia a voz dos nautas  
Que Índias de Sonho vão contando e ouvindo.

Encostada ao varandim  
Pregunta a princesa ao mar  
Por países de setim  
E regiões de marfim  
Que costumava sonhar.

Quem é aquele cavaleiro  
Que vai longe a cavalgar ?

O nevoeiro é cada vez mais denso.  
Nem se vêem as naus nem mesmo as velas  
Que eram tão Altas, quasi em Cruz. E eu penso.

«Minhas aias, minhas aias,  
— Poz-se a princesa a gritar —  
Vinde vêr que lindas praias  
Bordaram nas minhas saias  
Ansia do meu navegar!»

Quem é aquele cavaleiro  
Que galopa sem cessar?

Entardece. É sol-pôsto. As mãos erguidas,  
Lembram também esguias caravelas  
Demandando paragens esquecidas.

Eis que morreu a princesa  
Cansadinha de chorar...  
Pálidos de antiga tristeza,  
Véus franjados de riqueza  
Serviram p'ra a amortalhar...

Quem seria o cavaleiro  
Que passou p'ra não voltar?

Afastaram os últimos troféus...  
Tenho medo da Tarde. É que eu bem sei  
Que quando Deus tenta falar do Rei  
Diante de mim, a Tarde é a voz de Deus.

## XVI

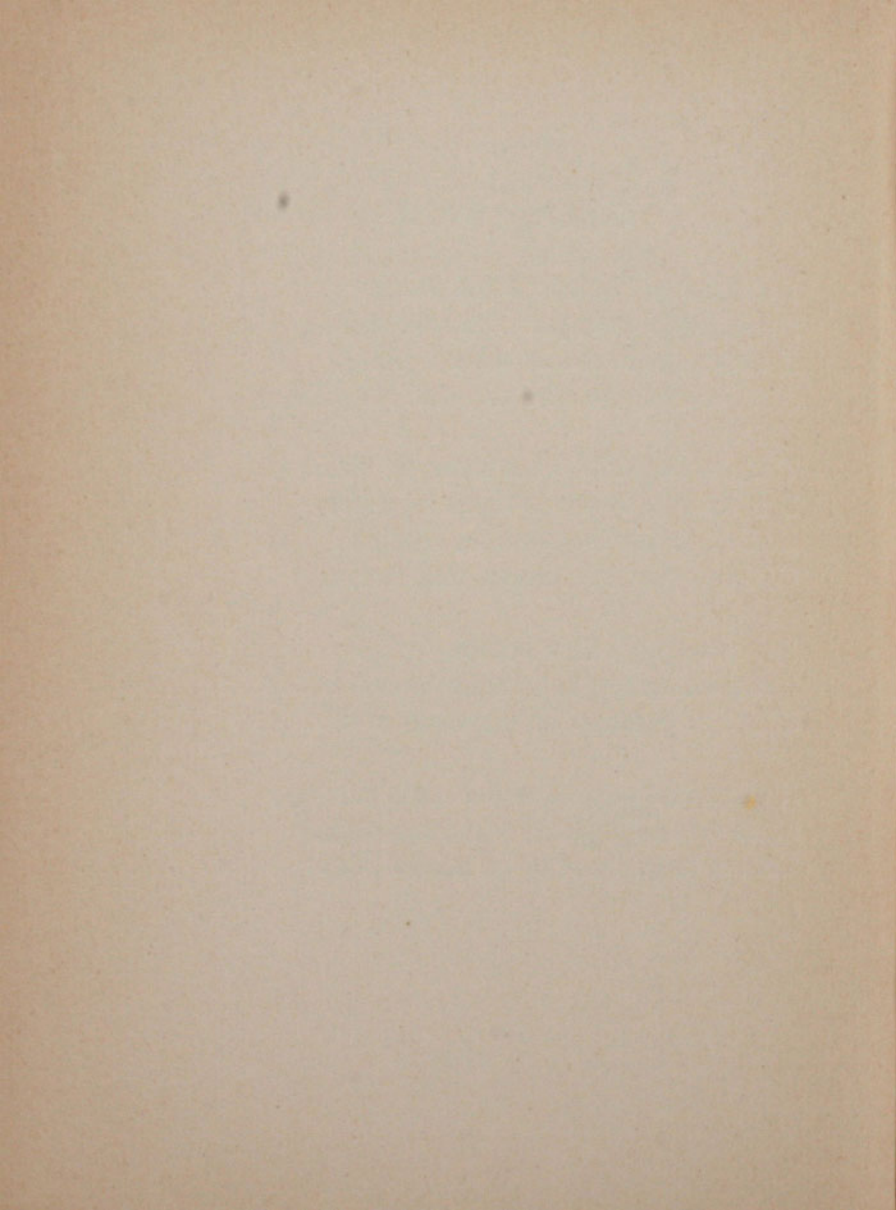
### O TÚMULO VAZIO

Recordar o Passado é asa morta  
De inquieta ave que inda vôa além,  
É como quem ouviu bater à porta,  
Abre-a e repara que não está ninguém.

Todo o Passado é um bater de aldrava.  
E o rei que só viveu numa medalha  
Evolou-se ao Sol-pôsto na batalha  
Como o perfume duma rosa brava.

Sol numa ogiva. O túmulo vazio.  
Entra um braço da Luz que assenta a mão  
Sôbre o sepulcro abandonado e frio.

E enquanto ao meu redor Alma esvoaça,  
Sinto que Alguêm me toca o coração  
Com a lança imortal da minha Raça!





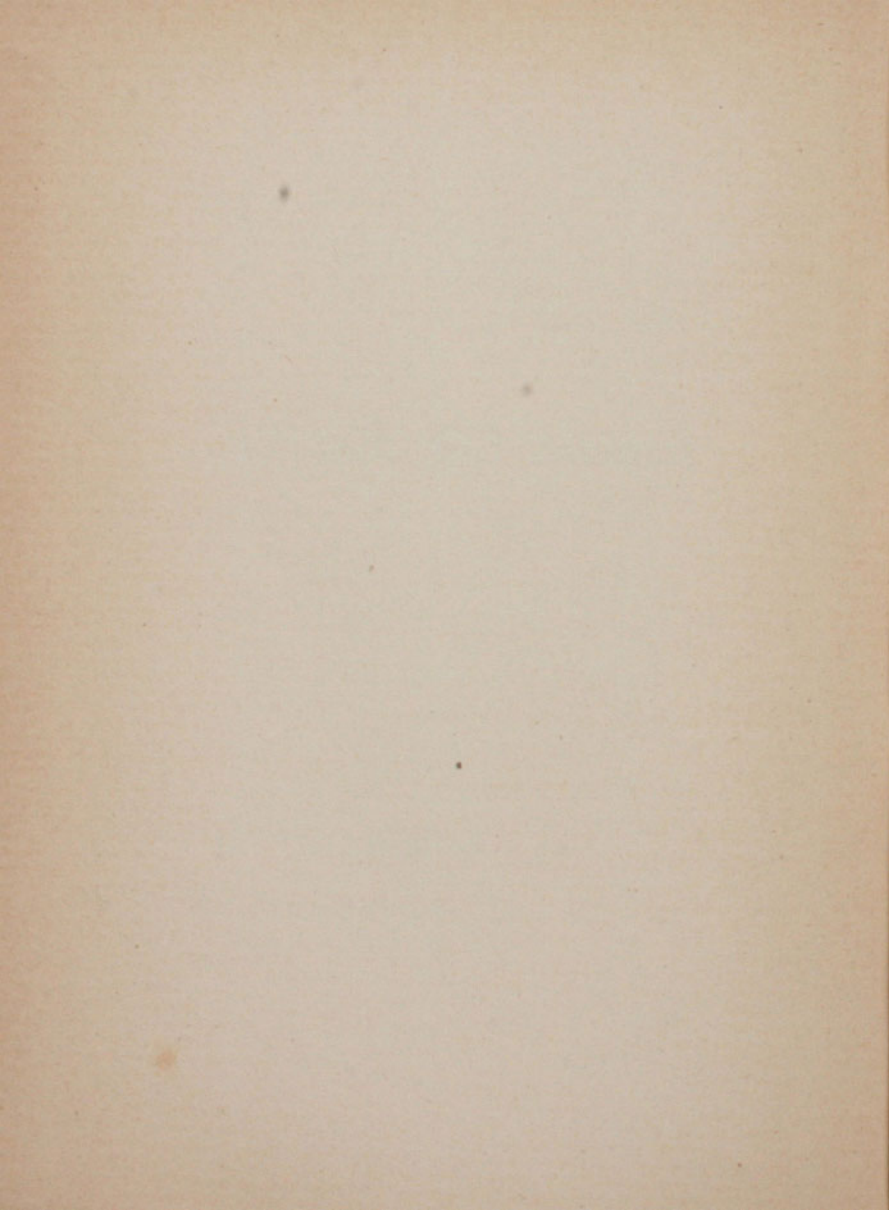
ELEGIA DO SILÊNCIO

A

ANTONIO ALVES MARTINS

E

JOSÉ DE AZEREDO PERDIGÃO



Guisos sôbre tôrres idas,  
Oiro sôbre o meu esquecer-me,  
As minhas mãos no teu vêr-me  
Princesas nunca esquecidas.

Silêncio, cinza do Tédio,  
Tapetes na minha Ansia,  
Arcas velhas, sem remédio,  
Onde escondi a Distância.

Ecos da Sombra a rezar,  
Pedacos do meu Chorar  
Bordados de Alma nos frisos.

Guisos nos teus olhos ponho.  
E eu sinto todo o meu Sonho  
Estar sempre dentro dos guisos.

Silêncio, cimos de palma,  
Minha presença em teus olhos.  
Ando ao colo dos teus olhos  
P'ra me esquecer de minha Alma.

Sinto passar o perfume  
Pelos salões das corolas.  
Rosas, lareiras sem lume,  
Rainhas com altas golas.

Ando p'la mão do Silêncio  
No palácio da Saudade  
P'ra não ver a Antiguidade.

E eu sinto ser o Silêncio  
Ruído de fechar portas  
Onde não existem portas.

O fim das minhas canções,  
Saudade do meu Sonhar,  
Poeira de Oiro a dançar  
Sôbre as caudas dos pavões.

Rajá dum país distante  
Que a meus olhos me trouxeram,  
Resas de Inês vacilante  
Quando rainha a fizeram.

Uma voz que se perdeu,  
A Côr que Jesus bebeu  
Na ocasião do Calvário.

Uma boca em oração,  
Gesto de passar a mão  
Pelas contas dum rosário.

Cális poisado na sombra  
Cercado de sacrilégios,  
Pinhal que um luar ensombra,  
Aroma de sortilégios.

Perfil ungido de mêdo,  
Pierrot sempre de luto,  
Outôno ao pé do meu mêdo,  
Lago morto, sempre enxuto.

Anel que perdeu no parque,  
No lago do fim do parque  
Uma princesa cansada.

Veludo de Alma vencido.  
Sceptro dum rei, esquecido  
Numa sala abandonada.

Chave dum sacrário velho  
Que ninguém jamais abriu,  
A moldura dum espelho  
Onde outrora o mar se viu.

É uma brasa apagada  
Na lareira da Distância.  
Escada morta. Uma escada  
Por onde desce a minha Ansia.

Uma velhinha que passa,  
Um grito dentro de mim,  
Um desmaiar de marfim...

Talvez o erguer da taça  
Do rei de Tule, p'ra a lançar  
Pela noite fora ao mar.

A mão que escreveu outrora  
No festim de Baltasar,  
Namorado da pastora  
Que guardou o meu Sonhar.

É o choro da Saudade  
No seu castelo de opalas,  
Um lustre antigo nas salas  
Onde desmaia a Ansiedade.

Egipto que não sonhei,  
Um dos missais que deixei  
De noite, nas mãos dum monge.

Véus que apar'ceram rasgados,  
Ibis voando, cansados,  
Sôbre o meu sonhá-los longe.



O regaço da princesa  
Que bordou os meus sentidos.  
É pintura de riqueza  
Em mosteiros esquecidos.

Tôrre de formas estranhas.  
O punhal que assassinou  
Os ecos sôbre as montanhas.  
A cinza que me crismou.

Uma das mãos da Distância,  
O chorar da minha Ansia  
Em jardins desconhecidos.

Um entreabrir de janelas.  
Hálito que apaga as velas  
Nos salões adormecidos.

Roca com que a Lua fia  
O seu fato de noivado,  
Sino tangendo cansado  
Sôbre a minha nostalgia.

Dobadoira do Luar,  
Emir vestido de seda,  
A curva duma alameda  
No jardim do meu Scismar.

Os beijos que me consagram,  
A capela onde se sagram  
Os confins dos horizontes.

Cofre que já foi roubado.  
É um mendigo curvado  
Sempre a passar sob as pontes.

É uma fonte que corre  
Nos sentidos da Paisagem,  
A silhueta da Tôrre  
Onde mataram um pagem.

Alfange erguido no Ar,  
Água de noite num poço.  
Golpe dado no pescoço  
De João. Sombra a bailar.

Anfora que alguêm quebrou  
E assim quebrada a deixou  
No varandim do Poente.

A Cruz que inda tem pregado  
O Longe crucificado...  
Perfume de Oiro doente.

Pastor que há muito perdeu  
O seu rebanho de ovelhas,  
Trovador que adormeceu  
Nas suas canções já velhas.

Nau vencida de fragrância  
Na lagôa dum convento,  
Flauta que tange a Distância  
Com as mãos do esquecimento.

Palmeira cercada de Alma,  
Chuva caindo com calma  
Sôbre o meu nunca te vêr.

Lábios da Dôr entre a aragem,  
Fato que veste a Paisagem  
Quando quer adormecer.

Lenços no Longe a acenar  
P'ra alguém que nunca partiu,  
Lança com que se feriu  
O meu não te recordar.

Martelo com que pregaram  
Cristo na Cruz. Soledade.  
O cinto com que cercaram  
A Dôr da minha saudade.

Cisne que o luar benzeu.  
É a aldeia onde nasceu  
A Côr das minhas canções.

O relógio da Paisagem,  
A porta que dá passagem  
P'ra as minhas recordações.



IBIS

A  
MARTINHO NOBRE DE MELO





## TRILOGIA DAS PRINCESAS

## NITOKRIS

Uma das aias queima incenso e esquece.  
Ela tenta prender nas mãos o aroma  
Que se confunde no luar e toma  
As horas no regaço e as adormece.

Quando olha para o mar, um bergantim  
Se dirige p'ra o cais. Se os olhos cerra,  
O bergantim vai-se a afastar da Terra  
Sómente volta se voar setim.

Passa nas alamedas rumorosa.  
Em cada passo ouve-se um guiso lento  
Que o silêncio dos lírios acordou.

E Ela própria é perfume duma rosa  
Que uma noite ficou por esquecimento  
Numa sala onde mais ninguém passou.

## TERMUTIS

Se acaso estende os braços, julga os dedos  
Cinco túmulos quietos e esquecidos  
Em suas mãos, planícies de segredos.  
Que faraós estarão neles retidos?

De quem serão as cinco múmias quedas?  
E que bocas teriam lido rezas  
Nos funerais de suas mãos princesas,  
Dessas mãos que os afagos lembram sedas?

Passa-lhe na Alma o Nilo, e os sentidos  
São cinco ilhas onde há véus caídos  
E onde a paisagem fia numa roca.

Sente Moisés nos modos. Sombra exala.  
Se acaso fala em Deus, súbito cala.  
É que as mãos do luar tapam-lhe a boca!

## CLEÓPATRA

Sentava o seu Passado nos joelhos.  
Tentava-o acordar. E os seus cabelos  
Vinham prender-lhe os dedos. P'ra contê-los  
Espalhava-os a mêdo nos espelhos.

Às vezes ao penteia-los desprendia-os  
E anoitecia-os entre joias caras.  
Apertava-os nas mãos, por fim prendia-os  
Em vez de fitas com serpentes raras.

Mordia lírios p'ra aromar a Alma.  
No seu olhar, um inclinar de palma  
Que a sombra de seus olhos encobria.

Os seus dedos, rebanhos sem pastores.  
Então suas palavras eram côres  
E arcos-íris os ecos que perdia.

## II

### TRILOGIA DOS REIS

#### KÉOPS

As suas sensações, vincados riscos,  
Grades p'ra além das quais lhe fica a Alma.  
Se por elas espreita em sonho e calma,  
Ergue nos seus sentidos obeliscos.

Os seus olhos são breves, quási quedos.  
Neles esquece a côr para a deter,  
E os gestos que inda tem para fazer  
Já se lhe adivinham nos seus dedos.

Seus passos continuam quando pára.  
Põe-se a escutá-los. Súbito repara  
Que prende a Sombra no cruzar dos braços.

Muito p'ra lá de Deus seus passos vão,  
Pois Deus, de olhar p'ra traz tem precisão  
Para vêr onde param êsses passos!

## KEFREN

Em que outra vida teve el-rei a vida?  
Porque sombras passou e em que jardim  
Foi girassol de côr adormecida  
Cujas pétalas, sentidos de setim?

Que mistérios ungiu nas brancas mãos  
Que se as ergue evocando a sua Ansia  
Sente prender-se n'elas a distância  
E esquecer o Passado em gestos vãos?

Que se pensa na infância é um boneco  
A que deu corda e afasta em abandono  
E quando grita, a voz não forma eco?

Quem é Êle cujos olhos dois leões?  
Um rei de seda que erigiu o trono  
No ruído dum vôo de faisões.

## MYKERINOS

Sombra que adoeceu de vêr os cisnes  
Pois sente, às tardes, alamedas na Alma  
Onde vêm baloiçar-se mãos de palma.  
Quando fala nos lagos nascem cisnes.

Há dentro dêle a múmia doutro rei,  
Um outro Nilo, uma outra Antiguidade,  
Uma Menfis de bruma, outra cidade  
Onde fui sacerdote, onde habitei.

Quando fala é o outro rei que fala,  
Quando anda não sente os passos, pensa,  
E em seu perfil moldam-se véus de opala.

Quando ergue as mãos, sente o luar cercado  
E a sua Alma é uma Águia imensa  
Com as asas caídas no Passado!

### III

## TRILOGIA DAS DIVINDADES

### OSIRIS

Sôbre as águas do Mar, a Tarde morta.  
Vôa dentro da Sombra incerta ave.  
Silêncio. Em minha frente há uma porta,  
Aquele porta a que não sei da chave.

Encosto o ouvido à porta. Oiço lá dentro  
Alguêm que passa desprendendo véus.  
Dentro do meu Mistério me concentro.  
Subo ao cimo de Mim e encontro Deus.

Ao vêr-me, Deus, tenta-se de mais Alto.  
Experimenta voar e em sobressalto  
Vôa e seu vôo prende-se em meus dedos.

Desço-me. Vejo que não sou o mesmo.  
Alma, sentidos, côr, vejo-os a esmo  
Espalhados na sala dos meus medos!

## ISIS

Anforas quebradas nos seus gestos,  
Gestos parados, mausoléus abertos.  
Olhos quietos, cansados e desertos...  
De sombra e de luar apenas restos.

Amamenta o Mistério nos seus seios.  
Vejo-lho ao colo mas as mãos pendidas.  
Segura-o com a voz dos seus receios  
E adormenta-o nas vestes diluídas.

No meu imaginá-la encontro um lago.  
Debruço-me e no fundo, a minha infância.  
Mergulho o braço p'ra agarrá-la emfim.

E sinto que a consigo num afago,  
Que a prendo com as mãos da minha Ansia,  
Mas cada vez se afasta mais de mim.



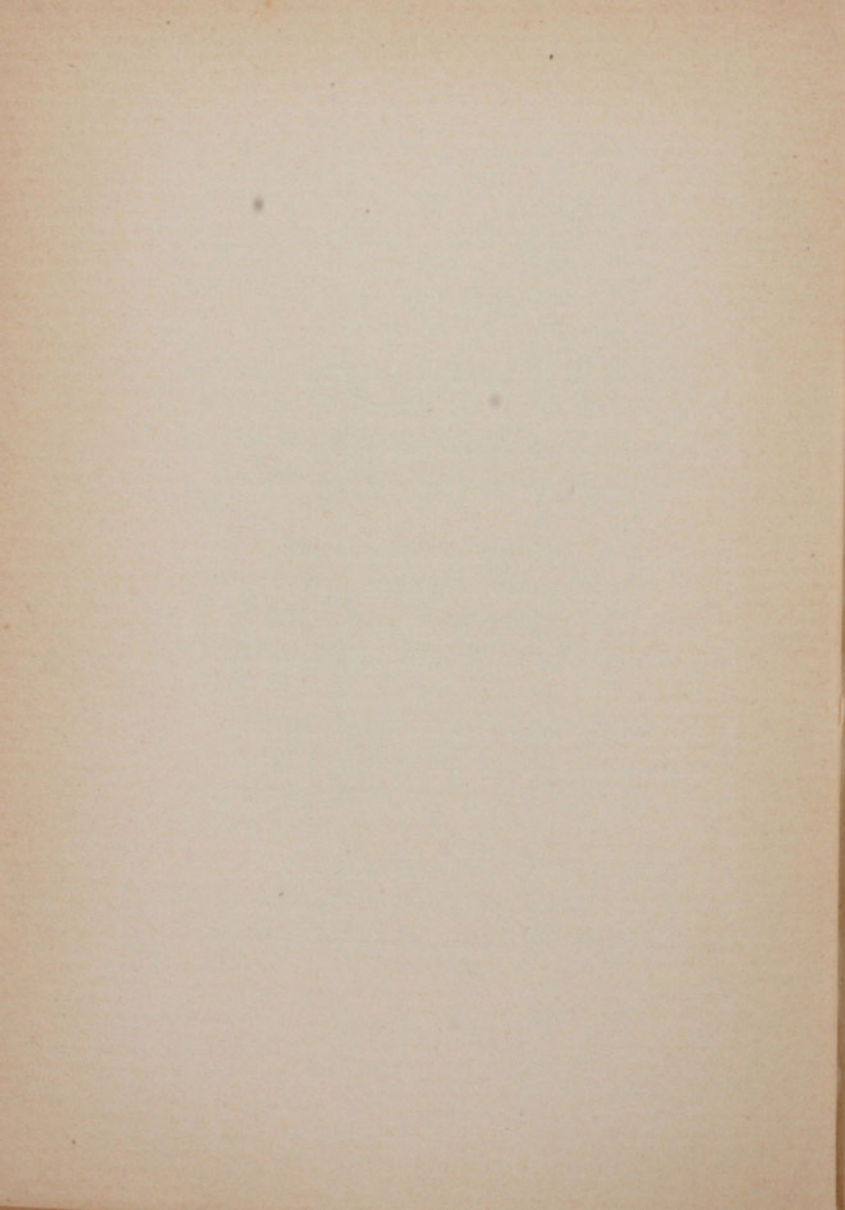
## HORUS

Muito p'ra lá de Deus há um país  
Onde o luar é duma outra côr.  
Adivinham-se as rosas, não dão flôr  
E as árvores estão poisadas, sem raiz.

Ei-lo, passa ao Sol-pôsto na alameda  
Evoca e fica quedo erguendo os braços.  
Prende nos dedos longos dedos lassos,  
Os dedos do Mais Longe em que se enreda.

Salas nos modos. O Passado extenso.  
Na Alma há um jardim quási suspenso  
Onde não desce Sombra. Ansia absorta.

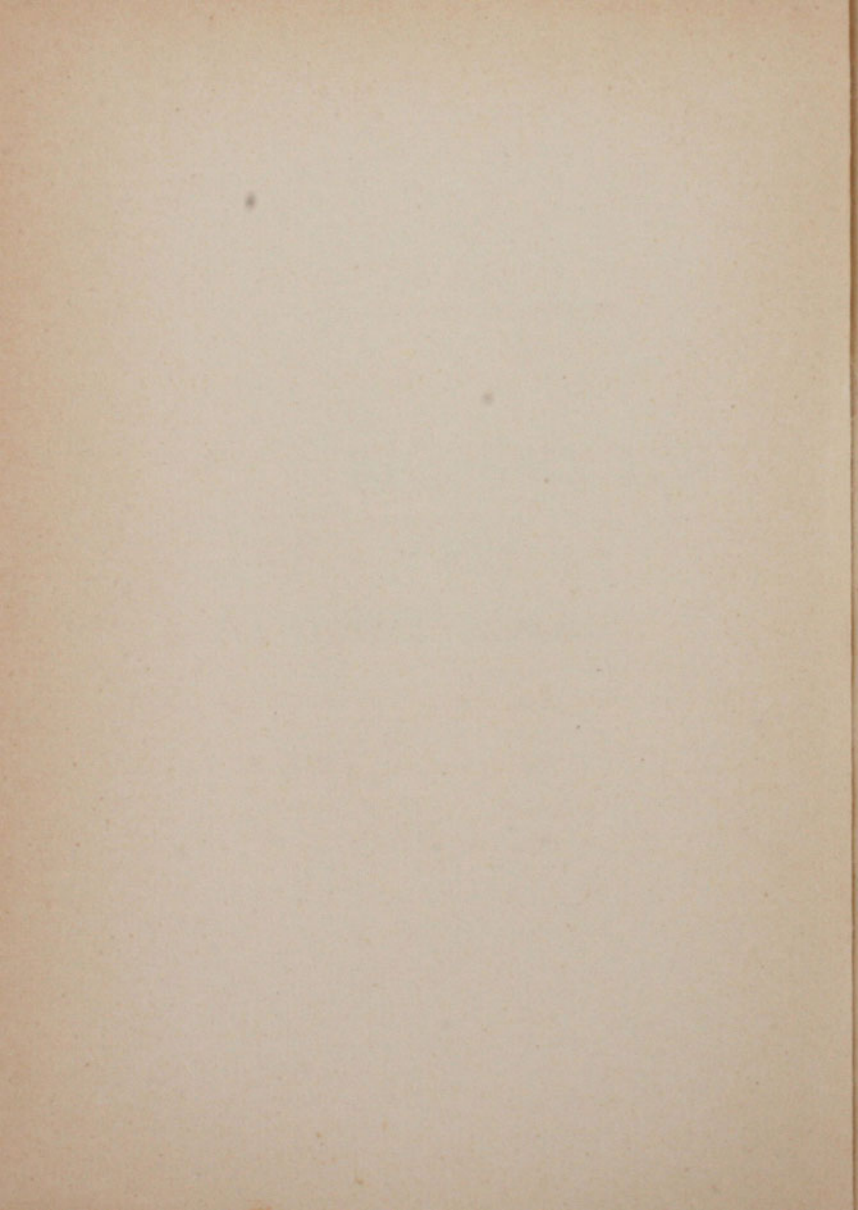
Portas nas atitudes que adormece.  
Uma das portas não abriu. Esquece.  
Meu Deus, o que estará p'ra além da porta?



SETE ORAÇÕES

DUMA

BOCA DEFUNTA



# I

Meus sentidos são naus em idas praías.  
Nelas, à tarde, vem então passear  
Uma infanta doente de luar,  
Acompanhada de esquecidas aias.

Mergulhou sem querer as mãos nas águas,  
E encontrou por acaso a taça esguia  
Que o rei de Tule, outra manhã sombria,  
Lançou ao mar para o vencer de mágoas.

Ei-la que vai passando pelas salas.  
Seus dedos prendem gestos mais morenos,  
Gnomos brincando com as suas falas.

Desce de novo, ó minha infanta, ao parque  
E dize às fontes que conversem menos  
Para que Deus não saiba onde é o parque.

## II

Seu sonho é de veludo. E um reposteiro  
Torna a sombra das mãos quási sombria.  
Lembra, ao vê-la, tão alta e tão esguia,  
Uma lança nas mãos dum cavaleiro.

Se olha p'ra as mãos arqueia-as numa ponte,  
Ponte por sob a qual só cabe Deus.  
E a sua Ausência vai de noite à fonte  
Para dar de beber aos olhos meus.

Se dança, as suas danças são eternas  
E os seus olhos parecem-me cisternas  
Onde no fundo a água me retrata...

Com a Lua, um arquinho de setim,  
Em pequena brincava num jardim  
Onde as árvores e a Côr eram de prata.

### III

Seus dedos sabem já de cor os meus.  
Quando sonho os seus lábios inda hesito.  
Tão branca que p'ra vê-la necessito  
De que entre mim e ela esteja Deus.

Em sua Alma passa antiguidade.  
Lírios do Oriente no meu Sonho espalha.  
E a Lua faz lembrar uma medalha  
Ao pescoço da Noite e da Saudade.

Os meus olhos aos seus segredos devem.  
E mais alta do que Ela, a sua Ânsia  
Tenta abrir a medalha. Sonho etéreo.

E a Noite receando que lha levem  
Vai guardá-la no estôjo da Distância  
Pois tem dentro o retrato do Mistério !

#### IV

Minha voz há-de ser voz noutras bocas,  
Meus dedos hão-de os ser em outras mãos,  
E as minhas preces, princezinhas loucas,  
Aos pés de crucifixos pagãos.

Os seus braços, estradas de carinhos.  
Nos pulsos traz serpentes por pulseiras,  
E as mãos com febre lembram-me lareiras  
Onde aquece os seus dedos já velhinhos.

Em seus lábios molhados de segredos  
Esqueço a minha boca em beijos lassos  
E sinto a Noite vir prender-me os dedos.

Escuto. Oiço outros passos nos meus passos.  
Ela e as garças entre os arvoredos  
Confundem os pescoços com os braços.



## V

Os meus olhos que espreitam p'los vitrais  
Inda sonham no mar águas passadas  
E veem naus que passam p'ra as cruzadas,  
Naus que se afastam e não voltam mais.

Ó minha Infanta, eterna companheira  
Das minhas mãos erguidas e afiladas,  
Porque passavas sempre entre as veladas  
E havias de ser sempre a derradeira?

Volta e não tragas véu. Quando partiste  
Tão velada passaste que não viste  
A Côr beijar de mêdo o teu cabelo.

Parecias com o véu que te velava  
Que o contorno de ti é que passava  
Em quanto Tu ficavas no castelo.

## VI

Ergue as mãos no luar p'ra fazer sombras  
Na parede da minha antiguidade,  
Silhuetas de cisnes sôbre alfombras,  
Cisnes em lagos secos de saudade.

Quando passes no parque não consintas  
Que a Manhã pinte as rosas de presença.  
Que apenas haja rosas, mas sem tintas,  
Nas hastes mortas, pela noite extensa. . .

Infanta nos meus olhos sempre ausente  
E cuja Ausência em mim vive doente,  
Não manches de presença as alamedas.

Que as Horas no jardim, quando tu passas  
E a minha Sombra no teu Sonho abraças  
Param e ficam escutando sedas.

## VII

Se ela estende os seus braços alongados  
E as mãos demora em cima do arvoredo,  
As fôlhas dormem mantos de noivados  
Julgando que o luar nasceu mais cedo...

E caravelas de papel doirado  
Eu lhe ponho nas mãos como um brinquedo,  
E o seu perfil um novo Gama ousado  
Parte nelas em busca do Segrêdo.

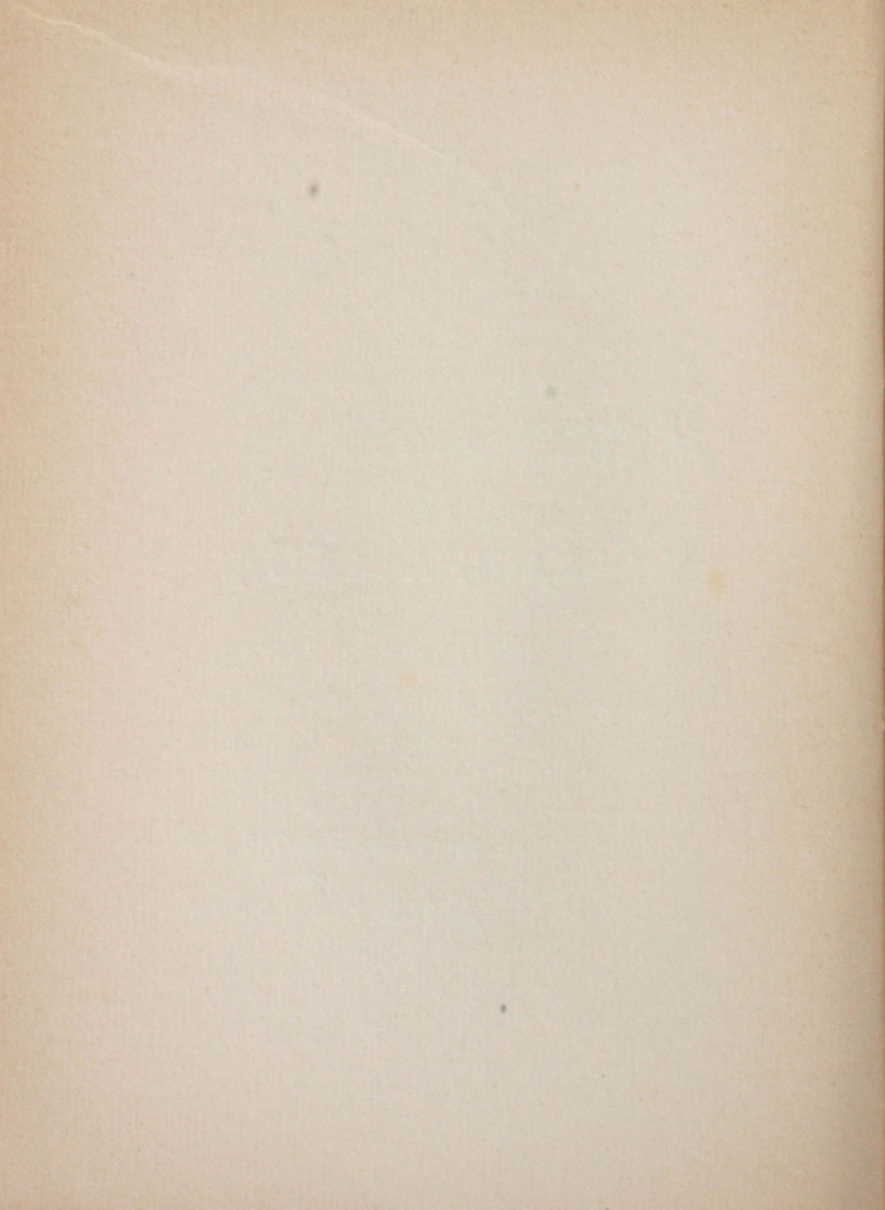
Senhora que roubou os meus sentidos  
E os deixou quási mortos e perdidos  
Junto dum lago todo cisnes pretos...

Encontrei minha sombra destronada  
Habitando uma tôrre abandonada  
No país dos seus olhos sempre inquietos.



AS  
CINCO AIAS  
DA  
RAINHA CEGA

A  
ALFREDO FREITAS BRANCO  
E  
ÁLVARO PEREIRA MAIA



## INTRÓITO

### A FALA DA RAINHA:

Sou a que para o céu as mãos levanta,  
A que sente o luar no fim dos dedos.  
E fui boneca outrora entre os brinquedos  
Com que brincou uma Senhora Infanta.

Eu ceguei de julgar-me num vitral.  
Por extrema-unção a Tarde me levaram.  
Minhas pálpebras buracos dum pombal  
Donde os olhos, as pombas, emigraram.

Antes de Mim vivi outra existência  
E fui Ausente em minha própria Ausência,  
Agora volto a Mim nos passos meus.

Contorno-me de Mêdo ante a Distância,  
Perco-me de Saudade em minha infância  
E em vez de coração, eu sinto Deus!

## A QUE VESTIU A NOITE

Vesti a Noite. Oiço-a passar por mim  
E às vezes em meu íntimo a pressinto.  
Vejo a Lua, a fivela de marfim  
Com que lhe afivelei o branco cinto.

Que encerro em minhas mãos de Alma ou segredos  
P'ra que, apertando nelas qualquer flôr,  
Ao abri-las, eu tenha sempre a dôr  
De vêr que se evolou por entre os dedos  
E só ficou dentro das mãos a Côr?

Meus lábios ao rezar, sinto-os pagãos.  
Já não posso vestir com mãos divinas  
Esta rainha pálida e doente,  
Pois onde quer que eu ponha as minhas mãos  
Anoiteço o setim das saias finas  
E deixo manchas de Mistério e Ausente!



## II

### A QUE ESQUECEU O PASSADO

Abro a janela,  
A janela que deita para o mar.  
Ao longe o Sol é uma caravela  
Com as velas caídas, o luar...

A caravela no meu Sonho iludo.  
Rezo de noite. Há luto em minhas rezas.  
Quando olho minhas mãos, sinto-as Venezas  
Onde os dedos são doges de veludo.

São gôndolas meus gestos; gondoleiros  
Meus olhos onde a Luz fala em tropeiros  
Que cantaram canções em que me ouvi.

Não me sei no Passado. Oiro lendário.  
Só sei que a Cruz fêz sombra no Calvário  
Na mesma Hora em que eu aconteci!

### III

#### A QUE VIU DEUS

Me levaram outrora em sonho alado  
À presença de Deus.  
E de mim para Deus havia pontes,  
Pontes sôbre um rio no Passado.

Era um jardim o meu olhar p'ra Deus  
Onde os meus olhos tinham mais demoras.  
O Tempo não tinha Horas.  
A presença de Deus calava as fontes.

Os meus lábios pagãos rezavam guisos  
Ao pescoço de velhas divindades  
Desenhadas de antigo sôbre frisos.

Se levantava as minhas mãos a Deus  
Os meus dedos eram grades  
A separar-me de Deus.

Enlaçaram em mim ramos de palma.

Agora no meu sonho me prefiro.

Se me procuro, deliro.

Se choro, chove-me a Alma!

#### IV

### A QUE FALAVA COM OS LÍRIOS:

Que frio de julgar-me ao pé dos lírios!  
Regresso-me. Sou Ansia. E posso vêr  
Que sendo a mesma, entre longinquos círios  
Dentro em outra me formo p'ra outra ser.

Ponho as mãos na Saudade. Queimo os dedos.  
Quem me apaga o meu Sonho que inda arde?  
E quem anda escondida entre arvoredos  
Fazendo a minha sombra sôbre a Tarde?

Quando falo nos lírios, eu pressinto  
Que a minha Voz já foi falada outrora,  
Que uma outra boca ma falou. E sinto

Que os lírios ouvem com a côr e esquecem,  
E que ao falar com êles se demora  
Minha Alma nos meus lábios que adormecem.

V

A ENFEITIÇADA

Se me pergunto, ao responder hesito,  
Pois sinto que minha Alma anda em viagem  
Num país que Deus leu num manuscrito.

Se entro nas salas e olho p'ra os espelhos,  
Adivinho-me além, noutra paisagem  
Onde o luar me reza de joelhos.

Se olho p'ra a minha Sombra, um carapuço  
Na minha antiga sombra. E sei que existo  
Quando em lagos inquietos me debruço.

Se acaso bato à porta de outras salas,  
São baloiços meus gestos a que assisto  
E onde vão baloiçar-se as minhas falas.

Se estendo os braços num momento breve  
E inclino as mãos p'ra debruçar os dedos,  
Lembram telhados gotejando neve.

Se os reposteiros abro e perto dêles  
Eu deixo como coisas meus segredos,  
Ficam de minhas mãos vestígios nêles.

Quem poria mistério em meus vestidos,  
Sombra na minha sombra e que bruxedos  
Me teriam bordado nos sentidos ?

AS  
EXÉQUIAS DA PRINCESA

AO AUGUSTO DE SANTA-RITA





A PRINCESA A SI PRÓPRIA  
ANTES DA MORTE:

Sonhei-me que era a filha dum rei godo  
Numa sala de Outono em minha calma,  
Contando contos para a minha Alma  
Não se deixar adormecer de todo.

Tudo o que vi repete-se em meus olhos  
E vejo-me ser Outra no passado.  
Eu julgo que se encostam aos meus olhos  
As imagens que passam a meu lado.

Infanta do que fui, vivo desgosto  
E sinto minhas lágrimas de seda  
Serem mãos com que Alguém me afaga o rosto.

— Palácios em Toledos de setim —  
Os passos que perdi pela alameda  
Põem-se às vezes a chamar por mim.

## II

### A PRINCESA A SEUS LÁBIOS DURANTE A MORTE:

Sinto os guisos da Morte. E eu bem sei  
Que o morrer é partir p'ra outras paisagens.  
Os guisos... São prisões que outrora um rei  
Mandou fazer para prender os pagens.

Estreitas frestas por janelas teem  
Que em trevas e saudade a luz convertem.  
E as esferas que dentro em si conteem,  
Os pagens a gritar p'ra que os libertem.

Sinto os guisos da Morte... A mala-posta  
Que vai levar-me à tôrre que eu diviso  
E onde quem chama não obtem resposta.

E eu própria sou um guiso agonisando.  
Minha boca é a fresta dêsse guiso  
Onde um pagem vermelho anda chorando.

### III

#### A PRINCESA AO MISTÉRIO APÓS A MORTE:

Renasci no Egipto outra princesa.  
Outros palácios, outros arvoredos,  
Outras côres no Sonho e na Tristeza.  
Do dantes Eu apenas ser em mim.  
Meus dedos, a lembrança de outros dedos,  
As minhas mãos, Nítokris de marfim.

Doem-me as minhas mãos se olho para elas.  
Os meus olhos não podem conhecê-las  
Porque são outros. Minhas mãos são pétalas,  
Pétalas de camélias mais inquietas,  
Leques de que ficaram as varetas,  
Malmequeres aos quais roubaram pétalas.

As minhas mãos não têm calôr nem frio.  
As rosas são as rocas com que fiam  
De rosa para rosa a côr que é um fio.

Se nelas ponho as mãos a Côr conhecem.  
Se ponho as mãos nas brancas mais esfriam,  
E se as ponho nas rubras mais aquecem.

Meu Corpo é um Egipto de Saudade.  
A minha Alma Menfis. Meus sentidos  
Pirâmides na minha antiguidade.  
Meus seios são lagôas sempre cheias.  
Múmias de reis meus olhos doloridos  
E Nilos de desejos minhas veias.

Deixai dormir a minha sombra inquieta,  
Que se olho para o céu vejo-o chorar  
E a Lua me parece, às horas frias,  
A sombra dum branca pandeireta  
Que o Silêncio atirou, brincando, ao ar  
No regresso de velhas romarias.

## IV

### O LAMENTO DAS HARPAS

Somos as árvores de jardins de gnomos  
E nossos frutos sonho e encantamento.  
E por nós sobem mãos num gesto lento  
Par'cendo que nos vão roubar os pomos.

Somos Alguém que adormeceu de frio  
E que aqueceu depois pelo Sol-pôsto,  
Que mãos frias poisando-lhe no rosto  
Lhe causaram um súbito arripio.

Somos gaiolas, onde as mãos, as aves  
A chilrear e em gestos mais suaves  
Tentam fugir por entre as grades de oiro.

Infantas degoladas p'r um alfange.  
Somos infantas de cabelo loiro...  
Penteam-nos as mãos de quem nos tange.

V

AS PALAVRAS DE DEUS

Sou Deus. Sei do Mistério e sei de Mim.  
As minhas sensações não sei contê-las.  
Sou velho professor. Ensino estrêlas  
No Dia, minha escola de marfim.

A Noite é dessa escola o quadro preto.  
Para passar o Tempo e o que fiz  
Com a Lua servindo-me de giz  
Eu me ponho a riscar o quadro preto.

A côr das minhas mãos é a Distância.  
Em mim nunca existiu o meu passado.  
Sou de Mim cathedral e próprio monge.

Às vezes tento vêr a minha infância.  
Não conheci meus pais. Fui engeitado.  
Encontrou-me o Mistério à beira-longe.

## VI

### A BALADA DAS BRUXAS

A princesa não está morta.  
Escondemos-lhe os sentidos  
Em salões adormecidos  
A que fechamos a porta.

A princesa não morreu,  
Está apenas enfeitiçada.  
Feitiços de Alma cansada  
Pelos sonhos que sofreu.

E num gesto antigo e vago  
Sua Ausência bate à porta  
Dos salões adormecidos.

Mas nós lançamos no lago  
A chave daquela porta  
Onde estão os seus sentidos.

E ela agora anda no parque.  
Anda no parque a chorar  
A vê se pode secar  
O lago triste do parque.

Mas nossas rezas absortas  
De bruxedos vão cercá-la  
E as águas tornam-se mortas  
E não podem escutá-la.

Olha em redor com receio  
De que a possam sentir.  
Seu perfil, barcos sem mastros.

Guarda os passos em seu seio  
P'ra que se alguém a seguir  
Não possa encontrar-lhe os rastros.



E o jardim, penumbra inquieta  
Em nossas mãos pesarosa...  
E a Côr, uma borboleta  
A voar de rosa em rosa.

Nossos dedos alongados  
Indicam velhos poentes  
E nossos gestos cansados  
Saltos de corças doentes.

Os sonhos de nós desertam.  
Nossa voz lembra um boneco  
Que nas mãos segura pratos.

E os nossos lábios apertam  
O peito dêsse boneco  
P'ra poder bater os pratos.

Há lume no nosso olhar.  
São búzios as nossas bocas  
Que em longinquas praias loucas  
Satan se poz a escutar.

E ela chama p'los sentidos  
Muito de alto, muito forte.  
Ergue as mãos. Ecos perdidos  
Encontram-se em sua Morte.

Sua presença é de loiça.  
Seus olhos quási esquecidos  
Lembram roseiras sem rosas.

Escuta. E p'ra que não oiça  
Pomos-lhe sôbre os ouvidos  
Nossas bocas rumorosas.

A princesa não morreu  
Vive na côr do seu Corpo.  
É o contorno do Corpo  
Que em seu caixão se meteu.

E nós mesmas não podemos  
Desenfeitiçá-la já,  
Porque no lago perdemos  
A chave donde ela está.

E ela põe-se a olhar o lago  
E o seu olhar dorme um cisne  
No seu sonho longe e vago.

As águas meditam céus  
E a chave tornou-se um cisne  
No nosso esquecermos Deus.

## VII

### O MÊDO

Das exéquias, lentamente,  
Vem um ruído de incenso.  
São os passos do que penso  
Nos salões do ser Ausente.

No jardim, a tôrre é espanto.  
O Silêncio abriu a porta  
Onde está a princesa morta  
E o Mêdo escondeu-se a um canto.

Ao seu Sonho, o meu se junta.  
Sonhos, contornos de opala  
Que se afastam do seu Corpo.

E a princezinha defunta  
Ficou sòzinha na sala...  
Só ela vela o seu Corpo.

Eis que a sombra da princesa  
Se dirige p'ra o jardim.  
Lembra-me uma vela acesa  
Que levam mãos de setim.

E ao passar ante os espelhos  
Lembra-se dos idos dedos.  
Vê que o contorno dos dedos  
Passou p'ra além dos espelhos.

Desde o lago, põe-se a olhar  
A esguia tôrre e as janelas  
Abertas de par em par.

E o seu lembrar-se de andar  
Outrora a fechar janelas  
Agora as anda a fechar.

Outro ser Eu recordei  
Na Saudade em que me enredo.  
Vi o Silêncio. Era um rei.  
E o bobo dêle era o Mêdo.

E o bobo, sôbre os joelhos,  
Escondia-se dos pagens  
Para matar as imagens  
Que mancham de Alma os espelhos.

E entre o sonhar do arvoredado,  
Quando eu passava no parque  
Encontrava sempre o Mêdo.

Era um chapim que ficara  
Nas alamedas do parque  
P'r onde a princesa passara.

## VIII

### A FALA DA AMA DA PRINCESA:

Suas mãos... Choro por elas...  
Meu chorar assim tão forte  
É um abrir de janelas...  
Janelas p'ra a sua Morte.

Sua sombra não me esquece  
— Uma arcada sôbre um rio.  
Está tão fria, que parece  
Nossa Senhora do Frio.

Meus seios são dois outeiros.  
Têm pelo meio um caminho  
E no cimo um pinheirinho.

À sombra dêsses pinheiros  
Seus lábios, em horas idas,  
Jogavam às escondidas.

Sôbre o seu perfil me inclino.  
Seus olhos, duas pedrinhas.  
O seu nariz, um menino  
A brincar com as pedrinhas.

O seu Corpo, um bergantim.  
Quando punha as mãos nas rosas  
Sentia a Côr ser setim  
Passando entre as mãos e as rosas.

Um dia me perguntou,  
Lembro-me bem, se os seus dedos  
Seriam filhos dos meus...

E a brincar com os meus dedos  
Do meu regaço tombou  
Para o regaço de Deus!



## IX

### O CORTEJO

Lá vem a Senhora Infanta  
Doentinha de chorar  
Pela princezinha santa.  
Tanta gente, tanta, tanta,  
Que nem se pode contar.

Mais longe lanças erguidas.  
Pendões de Outono e Saudade.  
As aias de mãos erguidas,  
E as suas sombras compridas  
São Noite numa cidade.

De meus olhos se avizinha  
O cortejo. Véus pagãos.  
E a Morte da princezinha,  
Um pagem duma rainha  
Que lhe anda a beijar as mãos.

E os lírios adoeceram.  
Ninguê[m] mais os foi regar.  
De desgosto se perderam.  
São pierrots que se esqueceram  
Junto dum lago a chorar.

À sala dos cisnes idos  
Onde estavam os sentidos  
Dessa princezinha morta  
Há tanto tempo metidos,  
Alguê[m] foi abrir a porta.

Começam-na a procurar.  
Cada um vai procurar  
A Sala onde o Sonho morre  
E andam por ela a chamar  
Nos corredores da tôrre.

O cortejo é fumo vago.  
Meu recordá-la um batel.  
E a lembrança da princesa  
Debruçada sôbre o lago,  
Brinca nas águas do lago  
Com barquinhos de papel.



OUTONAL

A  
DIOGO DE MACEDO  
E  
SILVA TAVARES



## I

## DISTANTE SONHO

Recordo aquela noiva de vitral  
Que numa esguia roca de cristal  
Fiava os meus sentidos,  
Que vinha manhã cedo junto ao lago  
Banhar o níveo corpo etéreo e vago  
No lago dos leões adormecidos.

Passaram tantos anos, tantos, tantos,  
Que os leões acordaram, são encantos.  
As mãos com que fiava desmaiaram,  
E as palmeiras que dormem na alameda,  
Braços erguidos, desdobrando seda,  
Contam ainda a história que escutaram.

Passaram tantos anos, tantos, tantos,  
Que o lago recordando outros encantos  
Dorme vencido de quebranto e calma.

E a roca que fiou os meus sentidos  
Sente inda em si os dedos entretidos  
De Alguêm que só viveu para ser Alma.

O repuxo, contando a melodia  
Daquela estranha e branca escadaria  
Que ela scismava pela manhã cedo,  
Calou-se, adormeceu. Fechada a porta.  
Cansadas aias, fôlhas do arvoredó,  
Andam em busca dessa noiva morta.

E encontraram a túnica rasgada,  
Aquela linda túnica bordada  
Que ela tecera para se casar.  
O luar p'ra descer, desce por mim.  
E ela descia para vêr se assim  
Encontrava o mistério de sonhar.

A porta do palácio está fechada.  
Adormeceu também, abandonada.  
A dobadoira de âmbar está em bocados.



Tateio. Scismo. Uma saudade morta.  
Meu Deus, não sei se está fechada a porta  
Ou se os meus olhos é que estão fechados.

## II

### ORAÇÃO DO REI DE TULE

Meu coração é um país distante,  
Um principado de ânsias e receios  
Onde os lagos estão sempre abandonados.  
Minha Alma, uma pastora vacilante,  
Meus olhos regadores sempre cheios  
Com que ela anda a regar os meus cuidados.

E assim passa tão triste e meditando  
P'la campina dos sonhos esquecidos,  
Que o meu sonhá-la vai prender-lhe as saias.  
Nos jardins do Chorar anda passeando.  
De pagens vão servir-lhe os meus sentidos  
E as minhas mágoas vão servir-lhe de aias.

O meu perfil é um passar de monges  
E as minhas sensações são as toalhas  
Que às minhas dores dou p'ra que se vistam.

As minhas mãos, praias de mim, bem longes,  
E os dedos são os mastros que se avistam  
Das naus que se encostaram às muralhas.

Meus passos falam inda do ruído  
Daquela hora em que meu Ser perdido  
Deixou cair a minha taça ao mar.  
O meu ter existido, apenas rendas...  
Sou rei. Eu sou o rei das minhas lendas,  
Rei dum país onde só há luar!

### III

#### OUTONO

Hora-Abandono. Um desbotar de seda.  
Hora em que a Paisagem, de cansaço  
Se encosta no luar que lhe dá o braço  
E as árvores choram fôlhas na alameda.

Nódoa de mêdo. É um passar a mão  
Pelas franjas dum quieto reposteiro  
Numa sala fechada. Cavaleiro  
Que de falar na Cruz é mais pagão.

É como se a um menino se entregasse  
A Paisagem doente p'ra brincar  
E a desfolhá-la toda começasse.

Mão nervosa que aperte e que não cesse,  
Boca que se entreabrisse p'ra falar  
E que um gesto de Deus a emmudecesse.

O INFANTE

AO ARMANDO CÔRTEZ-RODRIGUES



## SAGRES

Bandeira a tremular nas regiões do Mêdo,  
Jardim, que em longe parque iam contando aias,  
Sala, na qual o Mar guardava de segrêdo,  
Como pedaços de oiro, ilhas, pendões e praias.

Sala que o Mar guardava. E numa hora-opala  
O Mar adormeceu. E o Infante, mão de Deus  
Que tateava o Longe, entre perdidos véus  
Eis que o modo encontrou de abrir a velha sala.

Entrou. Olhou em volta e viu-se ante os espelhos.  
Os espelhos—Distância, aos quais princesas, ilhas  
Se penteavam de Côr sôbre mistérios velhos.

Ao largo ia uma nau vencida de troféus...  
E sua Alma partiu buscando maravilhas:  
— Terras dum outro mar, mares dum outro Deus.

## II

### O SONHO DO INFANTE

Uma oração triunfante  
Alguêm, ao largo, rezou  
E entanto o Senhor Infante  
Sentindo a Alma distante  
Adormeceu e sonhou :

«Há uma ilha além mim  
Que ma contou uma fada,  
Onde as árvores são marfim,  
As fôlhas são de setim  
E os mares de água doirada.

Sonho nos lagos se enreda  
Onde os cisnes são de tule.  
O dia é todo de seda,  
A tarde é uma alameda  
E a noite, uma ave azul.



Tem altas tôrres, mosteiros  
Onde os monges são de cera  
E as orações reposteiros.  
Praias distantes, guerreiros  
Que o Passado conhecera.

Não tem longe nem tem perto.  
Cada fonte, uma saudade.  
Meu sonho, um portão aberto  
Que dá p'ra uma cidade  
Onde está tudo deserto.

Minha ânsia é uma torre.  
Junto dela um rio corre  
Banhando planícies fátuas.  
Meu peito, a escada da torre  
Onde os sentidos são estátuas.

Há uma ilha além mim  
Que ma contou uma fada.  
Nela há um velho jardim.  
Portugal, rosa fechada  
Crescendo nesse jardim.

Puz-lhe a mão e então abriu-se  
Para não mais se fechar.  
Empoeirou-a o luar.  
Na Alma de Deus sentiu-se  
E não mais pôde sonhar.

E muito tempo morou  
No meu olhar que a guardou  
Qual se fôra uma redoma.  
E ao aspirar-lhe o aroma  
P'ra dentro de mim passou.

Há uma ilha além mim  
Que ma contou uma fada.  
Trazei barcos de marfim  
Com as velas de setim.  
Quero que seja encontrada.”

### III

#### A MORTE DO INFANTE

O Infante acercou-se dos vitrais.  
É que os dedos de Deus nêles bateram  
Para o chamar e lhe fazer sinais  
De que era a hora que p'ra ir escolheram.

E foi-se. Ficou só o Corpo esguio,  
Parado, como sala abandonada  
Que se sabia só p'lo tom do frio,  
Mas cuja porta estava inda fechada.

E no seu recordar-se ergueu-se um mar.  
Os seus sentidos foram naus emfim,  
Naus muito longas, sem ninguêm, ao luar.

Entanto eram seis naus. Uma bordada,  
Quieta, maior, mais breve de marfim...  
A sua Morte, a grande Nau parada!

# ÍNDICE



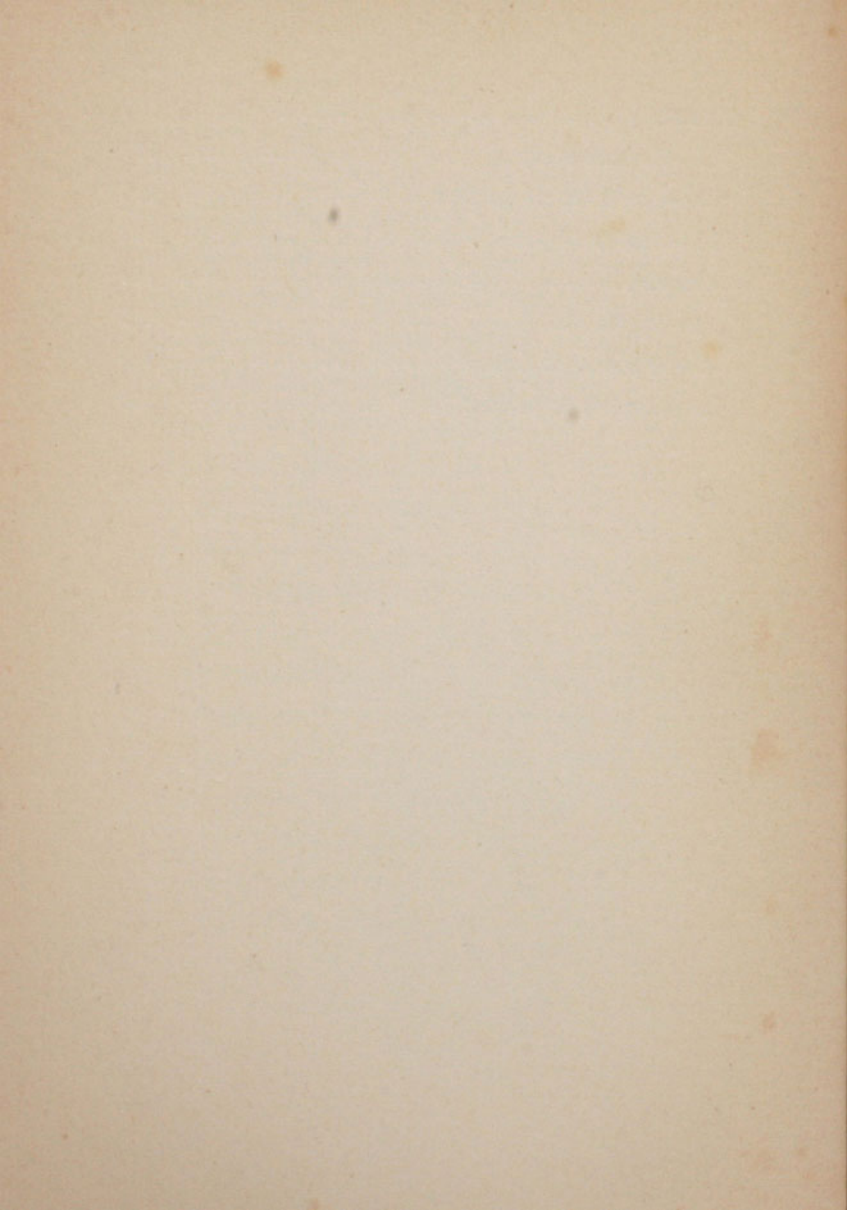
## ÍNDICE

<b>Alcácer-Kibir</b> .....	5
I—El-rei.....	7
II—No palácio do rei moiro .....	8
III—A princesa falando às bailadeiras .....	9
IV—As bailadeiras falam à princesa .....	10
V—O dia de Alcácer.....	11
VI—As árabes que buscam o rei morto .....	14
VII—A saudade.....	17
VIII—A canção das guitarras .....	18
IX—O elogio das lanças .....	21
X—A lembrança do rei .....	22
XI—A armadura abandonada.....	24
XII—Ruído de pandeiretas.....	25
XIII—O silêncio das mesquitas.....	28
XIV—O mar interroga as naus.....	29
XV—Manhã de névoa.....	31
XVI—O túmulo vazio.....	35

<b>Elegia do silêncio</b> .....	37
<b>Ibis</b> .....	51
I—Trilogia das princesas .....	53
II—Trilogia dos reis .....	56
III—Trilogia das Divindades.....	59
<b>Sete orações de uma boca defunta</b> .....	63
<b>As cinco aias da rainha cega</b> .....	73
Intróito—A fala da rainha .....	75
I—A que vestiu a noite.....	76
II—A que esqueceu o passado .....	77
III—A que viu Deus.....	78
IV—A que falava com os lírios .....	80
V—A enfeitada .....	81
<b>As exéquias da princesa</b> .....	83
I—A princesa a si própria antes da morte .....	85
II—A princesa a seus lábios durante a morte ....	86
III—A princesa ao mistério após a morte.....	87
IV—O lamento das harpas .....	89
V—As palavras de Deus.....	90
VI—A balada das bruxas.....	91
VII—O Mêdo.....	96
VIII—A fala da ama da princesa.....	99
IX—O cortejo .....	101

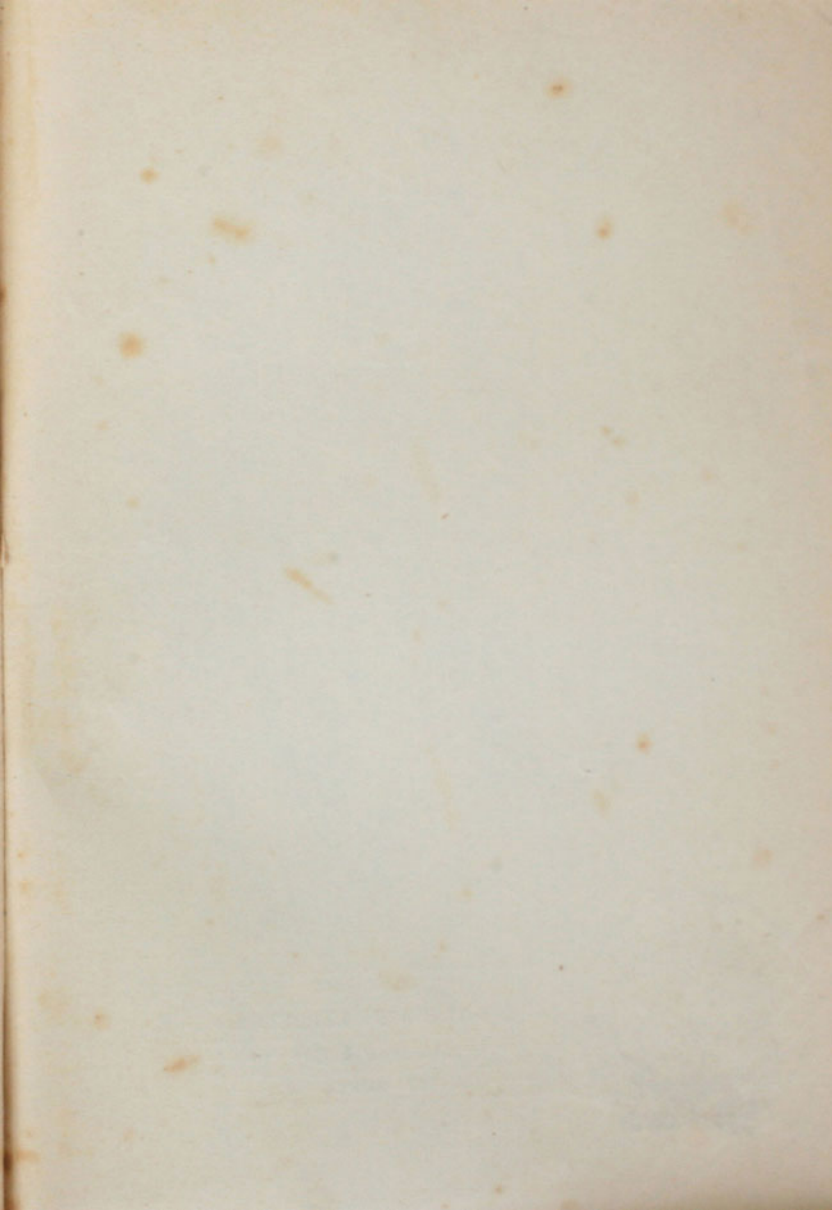


<b>Outonal</b> .....	105
I—Distante sonho.....	107
II—Oração do rei de Tule.....	110
III—Outono.....	112
<b>O Infante</b> .....	113
I—Sagres.....	115
II—O sonho do Infante.....	116
III—A morte do Infante.....	120



Composto e Impresso na MINERVA  
Largo de S. Domingos, Lisboa, em  
20 de Junho de 1917. e e e e e e e e







LISBOA — 1917

LIVRARIA BRAZILEIRA

Monteiro & C.<sup>a</sup>

190 — RUA AUREA — 192